

OS TRÊS ÊXODOS

“Ouvi o clamor de meu povo” (Ex 3,7)

José Raimundo Oliva

1. Introdução

A Bíblia, como Sagrada Escritura do judeu-cristianismo, marca profundamente a cultura dos países ocidentais, notadamente europeus e, por transferência cultural-colonial, americanos. O judeu-cristianismo insere-se no grupo das denominadas religiões monoteístas, juntamente com o judaísmo, sua matriz, e o islamismo. Ao lado deste grupo religioso, temos as outras grandes religiões do mundo, do ponto de vista numérico, o budismo e o hinduísmo, seguindo-se outras menores, xintoísmo, taoísmo, confucionismo, e inúmeras mais.

Na história, de modo mais relevante no Antigo Oriente e no mundo helenista, bem como no Império Romano, as religiões, com seus ministros, davam suporte ao poder central, personalizado em faraós, imperadores, reis. Associada ao poder era, então, instrumento de respaldo e justificativa à prática da dominação e da violência. A Bíblia não está isenta desta característica das religiões. De certo modo ela destaca-se pela marcante presença da violência em suas narrativas e imagens.

Nesta nossa reflexão sobre a violência na Bíblia, vamos destacar o processo do Êxodo do Egito que culmina com a ocupação da terra prometida. Delimitaremos esta nossa abordagem à Bíblia como um “texto de fé”, que motiva pessoas, levando em conta, não a questão da historicidade do que é narrado no texto, mas a credibilidade de que goza, ficando a razão submissa a esta fé. É a postura que se toma diante do “credo histórico” deuteronômico (Dt 26,4-10; cf. 4,32-39; 6,10-13.20-23; Js 24,2-13), ou, por exemplo, do querigma paulino (1Cor 15,3-5; Rm 1,3-4; 3,24-26), na perspectiva cristã.

Ao longo de nossas considerações, recorreremos, com frequência, aos próprios textos bíblicos, conforme nossa própria opção nesta abordagem.

2. O primeiro Êxodo

O Êxodo do Egito é um fato fundante para a fé bíblica. Nele é confirmada a eleição do povo de Israel, a partir de uma intervenção da sua divindade, sob a forma histórica, com grande manifestação de poder. Esta intervenção vem a favor do povo eleito e oprimido, “*ouvi o clamor de meu povo*” (Ex 3,7), enquanto que o próprio povo egípcio, que também era oprimido pelo sistema do faraó, é vitimado pela morte de seus primogênitos, e a natureza é violentada pelas nove pragas e, na décima praga, pela morte, também, dos primogênitos dos animais (Ex 11,4-8; 12,29-30). É de se notar que o favorecimento dos eleitos inclui, ainda, a expropriação dos bens dos egípcios, homens e

mulheres levando objetos de prata e ouro de seus vizinhos (Ex 11,2; 12,35-36; cf. Sl 105,36-37).

O Êxodo é o primeiro elo do processo que culmina com a ocupação da terra prometida aos eleitos, tendo nesta ocupação todo o seu sentido. A ocupação é o ápice de toda a narrativa, como realização da promessa divina, no credo deuteronomístico.

Ao longo da caminhada no deserto, o próprio povo hebreu sofrerá violência da divindade. Por ocasião da ausência de Moisés, que estava no alto da montanha recebendo as tábuas da Lei, o povo hebreu fez um bezerro de ouro, prestando culto a ele; então, três mil homens dentre este povo foram mortos a fio da espada pelos filhos de Levi, os quais foram premiados com a investidura no serviço divino (Ex 32). Nesta travessia do deserto, Coré, Datã e Abiram questionam a concentração de poder de Moisés, e são, com suas mulheres, seus filhos e suas crianças, engolidos pela terra que se abre e se fecha sobre eles, como sinal de que Javé escolheu Moisés e, ainda, o fogo divino consome mais duzentos e cinquenta homens que ofereciam incenso (Nm 16). Aqueles homens que foram seduzidos pelas mulheres moabitas, em Baal de Fegor foram empalados, e o sacerdote Fineias, com uma lança, transpassa pelos ventres um filho de Israel e uma madianita que se encontravam em uma alcova, sendo este sacerdote exaltado e recompensado pela divindade com o sacerdócio perpétuo, ele e sua descendência (Nm 25,1-13). Antes de morrer, Moisés recebe de Javé, como sua última missão, fazer a guerra santa contra Madiã: *“Vinga os filhos de Israel nos madianitas. Em seguida reunir-te-ás aos teus”* (Nm 31,1). Assim foram mortos os madianitas, mulheres grávidas e crianças do sexo masculino. As meninas que não coabitaram com homens são possuídas pelos combatentes de Israel, e os grandes rebanhos conquistados são distribuídos entre o povo eleito e os objetos de ouro, braceletes, pulseiras, anéis, brincos, colares são entregues a Moisés e ao sacerdote Eleazar (Nm 31).

A ocupação da terra prometida se dá com o extermínio dos povos aí estabelecidos, conforme a conclusão do Código da Aliança revelado a Moisés: *“Vou enviar um anjo na frente de você, para que ele cuide de você no caminho e o leve até o lugar que eu preparei para você. Respeite-o e obedeça a ele. Não se revolte, porque ele leva consigo o meu nome, e não perdoará suas revoltas. Contudo, se você lhe obedecer fielmente e fizer tudo o que eu disser, então eu serei inimigo de seus inimigos e adversário de seus adversários. Meu anjo irá à frente de você e o levará aos amorreus, heteus, ferezeus, cananeus, heveus e jebuseus, e eu os exterminarei... Enviarei diante de você o meu terror, confundindo qualquer povo no meio do qual você entrar, e farei com que todos os seus inimigos fujam de você... Eu os expulsarei pouco a pouco, até que você se multiplique e tome posse da terra. Eu marcarei as fronteiras do seu país, desde o mar Vermelho até o mar dos filisteus, e desde o deserto até o rio Eufrates. Entregarei em suas mãos os habitantes da terra, para que você os expulse de sua frente. Não faça alianças com eles, nem com seus deuses. Não os deixe habitar em sua terra, para que eles não façam você pecar contra mim, adorando os deuses deles, que serão uma cilada para você”* (Ex 23,20-23. 27.30-33). Na ocupação da terra de Canaã, a regra divina na tomada das cidades e povoações era a consagração da população local como anátema a Javé, isto é, passar ao fio da espada homens, mulheres, crianças e velhos (Dt 7,2; Js 6,21).

Uma expressiva prática da violência, dentre inúmeras outras na narrativa bíblica da ocupação da terra, encontramos no episódio da migração dos danitas (Jz 18,1-31). Tendo a tribo de Dan perdido o território que lhe havia sido atribuído na partilha da terra (Jz 1,34), os danitas enviam espiões ao norte de Canaã, os quais chegam até Laís, cidade na região fronteira com a Fenícia. Nesta cidade, “*viram que seus habitantes viviam em segurança, tranquilos e confiantes, que não havia ali privações nem restrições de qualquer natureza, e também que estavam afastados dos sidônios e sem relações com os arameus. Os espiões voltaram para junto de seus irmãos e estes lhes perguntaram: ‘Que notícias vocês trazem?’ Eles responderam: ‘Vamos lutar contra eles, pois vimos que a terra é excelente! Não fiquem aí parados, não hesitem para tomar posse do território. Chegando lá, vocês vão encontrar um povo tranquilo. O território é extenso, e Deus o entregou na mão de vocês. É um lugar onde os produtos da terra são abundantes’... Partindo, seiscentos homens armados para a guerra, depois de, no caminho, terem se apossado da imagem que Micas fabricara e levando o sacerdote levita que vivia com ele, os danitas atacaram Laís, onde morava um povo tranquilo e confiante. Passaram todos ao fio da espada e incendiaram a cidade, sem que ninguém fosse socorrer os habitantes, porque a cidade ficava longe de Sidônia, e eles não se relacionavam com os arameus”* (Jz 18,8-10.27-28).

Pode-se observar que o favorecimento dos eleitos com a apropriação dos bens dos povos exterminados faz parte do credo deuteronômico: “*Quando Javé seu Deus o introduzir na terra que ele, sob juramento, prometeu a seus pais – Abraão, Isaac e Jacó – que daria a você, com cidades grandes e ricas que você não construiu, casas cheias de riquezas que você não encheu, poços abertos que você não cavou, vinhas e olivais que você não plantou; quando, pois, você comer e ficar saciado, preste atenção a si mesmo! Não se esqueça de Javé, que tirou você do Egito, da casa da escravidão”* (Dt 6,10-11). “*Dei a vocês uma terra que não exigiu de vocês nenhum trabalho, cidades que vocês não construíram e nas quais habitam, vinhas e olivais que vocês não plantaram e dos quais comeis”* (Js 24,13). No retorno do exílio da Babilônia, como um segundo êxodo, no capítulo 9 do livro de Neemias, o cronista desenvolve minuciosamente o credo histórico, na ocasião da fundação do judaísmo, em um pronunciamento de Esdras, considerado pai do judaísmo, ao fazer a leitura da Lei: “²³*Multipliquei-vos os filhos como as estrelas do céu e os conduzi à terra, da qual disseste a seus pais que tomassem posse dela. ²⁴E os filhos tomaram posse, enquanto diante deles humilhaste os habitantes da região, os cananeus, e os entregaste em suas mãos, tanto os reis como as populações do país, para que fizessem deles o que bem entendessem. ²⁵Apoderaram-se de cidades fortificadas e de campos férteis, ocuparam casas cheias de tudo o que é bom, cisternas escavadas, vinhas, olivais e árvores frutíferas em quantidade. Assim comeram, se fartaram e engordaram; nadaram em delícias, graças à tua imensa bondade”* (Ne 9,23-25).

A teologia deste êxodo do Egito segue uma ordem temática: eleição – vitimização – vingança divina / violência – premiação da “terra prometida” (com violência ativa e provocativa de conquista). O retorno do exílio da Babilônia, como um “segundo êxodo”, segue a mesma ordem temática.

3. O segundo Êxodo

No ano de 597 aEC, Nabucodonosor toma a cidade de Jerusalém, e, entre 597 e 581, em três deportações, leva as elites da cidade, sacerdotes, latifundiários, militares, artesãos, para o exílio na Babilônia. Contudo, “*Nabuzardã, comandante da guarda, deixou no território de Judá aqueles que dentre o povo eram pobres e não possuíam nada e distribuiu-lhes vinhas e campos*” (Jr 39,10).

Na Babilônia, entre a primeira geração das elites exiladas, aqueles que aspiravam a um retorno a Jerusalém encontravam conforto e esperança no profeta e sacerdote sadocita¹ Ezequiel, ao qual foi atribuído o terceiro dos livros dos profetas maiores. No livro de Ezequiel, onde predomina o esquema deuteronômico de pecado do povo, castigo e reconciliação, destacam-se a visão dos ossos ressequidos que voltam à vida (Ez 37,1-14) e a visão e descrição no novo templo de Jerusalém bem como o plano minucioso da reconstrução religiosa e política do antigo reino de Judá, considerado como o novo Israel que dominará sobre os demais povos. No anúncio do retorno já se vislumbra um novo êxodo: “*Sabereis que eu sou Javé, quando eu vos der entrada na terra de Israel, na terra que, levantando minha mão, jurei dar a vossos pais*” (Ez 20,42); “*Tomar-vos-ei de entre as nações. Congregar-vos-ei de todos os países e vos trarei para a vossa terra*” (Ez 36,24).

O prenúncio do retorno a Jerusalém é, também, o conteúdo do “Livro da Consolação de Israel” (Is 40–55, conhecido como Segundo Isaías ou Dêutero-Isaías) cujo autor teve sua atividade na Babilônia entre a segunda geração dos exilados exortando-os a não desanimarem, na fase final do Exílio – quando o poder da Babilônia encontra-se em declínio diante do crescente poder da Pérsia. Para isso, apresenta o Deus-Javé, criador do céu e da terra, Senhor da vida e da História, como o único Deus; diante dele, todos os deuses babilônicos, a começar por Marduc, nada são e nada valem. Este autor, de certo modo sucessor de Ezequiel, caracteriza a volta a Jerusalém como o segundo êxodo. Javé vai intervir na história, vai salvar Judá do cativo, e, como no primeiro êxodo, vai abrir uma estrada no deserto para que o seu povo possa regressar em triunfo a Sião.

Assim como no primeiro êxodo Javé libertou os israelitas da escravidão e opressão do faraó do Egito (Ex 15), no segundo êxodo, Javé liberta os cativos da idolatria babilônica, e os conduz à terra dos seus antepassados:

Is 43,16-21: ¹⁶*Assim diz Javé, aquele que abriu um caminho no mar, uma passagem entre as águas violentas, ¹⁷aquele que fez sair carros e cavalos, batalhões de elite. Foram derrubados para não mais se levantar, apagaram-se como pavio que se extingue. ¹⁸Não fiquem lembrando o passado, não tenham saudades das coisas antigas. ¹⁹Eis que estou fazendo coisas novas, elas estão brotando agora, e vocês não percebem? Sim, no deserto eu abro um caminho, rasgo rios na terra seca. ²⁰As feras me glorificam, como os lobos e avestruzes, porque eu ofereço água no deserto e rios na terra*

1. Sobre a influência do sacerdócio sadocita no exílio e pós-exílio temos o livro de Sandro Galazzi: *A Teocracia sadocita – Sua história e sua ideologia* – Macapá: S. Gallazzi, 2002, que corresponde à sua tese de doutorado.

seca para matar a sede do meu povo, do meu escolhido, ²¹o povo que eu formei para mim, para que proclame o meu louvor”.

Is 51,9-11: *⁹Desperta! Desperta! Reveste-te de força, braço de Javé! Desperta como nos tempos passados, como nas épocas antigas. Não foste tu que derrotaste o monstro e transpassaste o dragão? ¹⁰Não foste tu que secaste o mar, as águas do grande abismo, tu que fizeste um caminho pelo fundo do mar para que os redimidos pudessem atravessar? ¹¹Os resgatados de Javé voltarão! Estarão de volta a Sião, cantando e com alegria sem fim sobre suas cabeças; serão acompanhados de alegria e contentamento; dor e aflição ficarão para trás.*

A marcha do povo da terra da escravidão para a terra da liberdade será, pois, um novo êxodo, onde se repetirão as maravilhas operadas pelo Deus libertador no primeiro êxodo; no entanto, este segundo êxodo será ainda mais grandioso e glorioso do que o primeiro, o de Moisés. Da história concreta as narrativas passam à teologia do Deus criador e salvador, de modo que a Teologia comanda a História, pois tudo depende do mistério da vontade divina inscrita no centro da mesma História. Será uma peregrinação festiva, uma procissão solene, feita na alegria e na festa. O resultado final desse segundo êxodo será o reencontro com Sião, a eterna felicidade, a alegria sem fim, com a submissão de todas as nações a Jerusalém, trazendo-lhe suas riquezas: *“⁵Então ficarás radiante; seu rosto se iluminará, seu coração parecerá explodir de emoção, porque as riquezas do além-mar afluirão a ti, a ti virão os tesouros das nações. ⁶Uma horda de camelos te inundará, camelos de Madiã e Efa; de Sabá vem todo mundo, trazendo ouro e incenso e proclamando os louvores de Javé... ¹¹As tuas portas estarão sempre abertas, não se fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que se traga a ti a riqueza das nações e os seus reis sejam conduzidos a ti”* (Is 60,1-22).

Em 539, o rei Ciro da Pérsia derrota o rei babilônico Nabônides, cruza o rio Tigre e conquista a Babilônia. No mesmo ano, Ciro publica um edito concedendo a libertação dos judeus. Conforme Is 45,1, Ciro é o ungido (o messias – de *mashiah*, ungido na Bíblia Hebraica; o cristo – de *christós*, na versão grega LXX). O fim do exílio acontece como uma intervenção da divindade, a qual tem como instrumento o seu “cristo” (LXX), Ciro, o qual, com uma política de dominação diferenciada da dos babilônios, permite o retorno das elites exiladas para Jerusalém, resguardada a fidelidade destas elites a ele.

As narrativas dos livros de Esdras e Neemias sobre o retorno do exílio são pouco coerentes, com frágil concordância cronológica e pouca clareza quanto às missões de Sassabassar, Zorobabel, Josué, Esdras e Neemias. O grande destaque, nestes dois livros é dado a Esdras, enviado pelo rei Artaxerxes (Artaxerxes II – interpretação possível), em torno do ano 398 aC, isto é, cerca de 140 anos após o edito de Ciro. Aparentemente o retorno mais numeroso de exilados a Sião acontece na ocasião das tardias missões de Neemias e Esdras. Esdras, sacerdote-escriva, recebe os objetos de ouro e prata entregues pelo rei, bem como a promessa de todo apoio do tesouro real, para retornar a Jerusalém (Esd 7,11-26) e *“vigiar sobre Judá e Jerusalém segundo a lei de teu Deus”* (Esd 7,14) e *“Quem não obedecer à lei do teu Deus, que é a lei do rei, será castigado rigorosamente, com morte ou exílio, multa ou prisão”* (Esd 7,26).

Por ocasião da publicação do edito de Ciro, parece não ter havido grande interesse entre os exilados em retornar a Jerusalém, os quais preferiram permanecer na Babilônia. A adaptação e a participação destes exilados junto ao rei, usufruindo de seu poder, pode ser percebida, com bastante evidência, pela inspiração dos livros de Daniel e Ester. Quanto a Daniel, “⁴⁸o rei (Nabucodonosor) o exaltou em dignidade e o distinguiu com muitos e magníficos presentes, constituindo-o também governador de toda a província de Babilônia, além de chefe supremo de todos os sábios de Babilônia.”⁴⁹ Daniel pediu então que o rei designasse Sidrac, Misac e Abdênago para a administração dos negócios da província de Babilônia” (Dn 2,48s). Por sua vez, Ester, cujo tio, Mardoqueu, já era ilustre funcionário da corte, agradando ao rei Assuero, é escolhida como rainha, ocupando o lugar da transgressora Vasti que desobedecera às ordens deste rei (Est 2).

Ao longo do exílio, vários exilados e exiladas, embora permanecendo servos do império, tiveram a possibilidade de obter fortunas e se radicaram na Babilônia; por essa razão não tiveram interesse de voltar a Jerusalém. Dentre as comunidades da diáspora, as comunidades da Babilônia foram das mais florescentes, bem como as do Egito que tinham Elefantina como centro.

O novo êxodo das elites que retornam da Babilônia tem como desfecho a opressão dos camponeses remanescentes da antiga Judeia. Os latifundiários retomam suas terras, oprimindo o povo, cujo clamor está expresso em Ne 5,1-5: ¹*Houve forte protesto do povo e das mulheres contra seus irmãos judeus.* ²*Uns diziam: “Temos de penhorar filhos e filhas para conseguirmos trigo suficiente para nos alimentar e sobreviver”.* ³*Outros diziam: “Temos de hipotecar campos, vinhas e casas para podermos comprar trigo em tempo de fome”.* ⁴*Ainda outros diziam: “Para pagar o imposto ao rei, tivemos de tomar dinheiro emprestado à custa de vinhas e campos.* ⁵*Ora, nós e aqueles nossos irmãos somos todos da mesma carne; e nossos filhos valem tanto como os filhos deles. Entretanto cá estamos nós obrigados a entregar os filhos e as filhas para serem escravos. Sim, algumas de nossas filhas já foram feitas escravas, e nada podemos fazer, pois nossos campos e nossas vinhas pertencem a outros”.*

Estas elites, que se consideravam o “pequeno resto de Israel”, sob a hegemonia da elite sacerdotal sadoquita, em nome da pureza racial exigem a expulsão das mulheres estrangeiras e de seus filhos que haviam sido tomadas como esposas pelos camponeses judaítas que permaneceram na terra: Esd 10,3: “³Vamos assumir diante do nosso Deus o compromisso solene de despedir todas as mulheres estrangeiras e os filhos que delas nasceram, conforme o conselho do Senhor e dos que observam os mandamentos de nosso Deus. Faça-se tudo de acordo com a Lei”.

Amparado sob a categoria de “povo eleito”, o sistema religioso do Templo e das sinagogas, na realidade, oculta a consolidação dos privilégios das elites religiosas teocráticas, a partir da opressão e exploração deste próprio povo. O desprezo pelo povo da parte destas elites, no tempo de Jesus, por ocasião do agudo conflito com os chefes dos sacerdotes e fariseus, está retratado na fala de um fariseu, em Jo 7,48-49: “⁴⁸Algum dos chefes dos sacerdotes ou dos fariseus por acaso creram nele?”⁴⁹ *Mas este povo, que não*

conhece a Lei, são uns malditos”. Com as categorias de “puro” e “impuro – pecador” era feita a discriminação sociorreligiosa. As elites religiosas, particularmente aquelas que se congregavam no templo de Jerusalém, se apresentavam como puras, justas, e santas, com suas purificações rituais frequentes. Por outro lado, o povo pobre e humilde, particularmente camponeses e camponesas, que por força de seus trabalhos, mãos sujas, escassez de água, contato com animais mortos, etc., enquadravam-se entre os infratores dos mais de seiscentos preceitos legais tradicionais, e eram qualificados de impuros e pecadores, sendo assim humilhados, excluídos e explorados.

Estando as elites repatriadas em Jerusalém, no Monte Sião, o Terceiro Isaías encerra o livro com uma profecia escatológica: ¹⁸*Eu virei para reunir todos os povos e línguas. Eles virão e verão a minha glória.* ¹⁹*Colocarei neles um sinal...* ²⁰*Do meio dos povos trarão, como oferta para Javé, todos os irmãos de vocês que aí estavam. Vou trazê-los a cavalo, de carroça, de charrete, montados em mulas ou camelos, até Jerusalém, a minha santa montanha, diz Javé. Será como quando os israelitas levam até o altar suas ofertas em vasilhas consagradas do templo de Javé...* ²²*Sim, da mesma forma que os novos céus e a nova terra que vou criar, eles estarão de pé na minha presença – oráculo de Javé –, assim também há de permanecer a vossa descendência e o vosso nome.* ²³*Cada lua nova e cada sábado, todo mundo virá prostrar-se na minha presença, diz Javé.* ²⁴*Ao sair, eles verão os cadáveres daqueles que se rebelaram contra mim, porque o verme que os corrói não morre jamais e o fogo que os consome jamais se apaga. Eles serão um horror para o mundo inteiro* (Is 66,18-20.22-24).

4. O terceiro Êxodo – uma hermenêutica

Por analogia com os dois êxodos anteriores, dentro da mesma ordem temática, temos o “terceiro êxodo” no século XX, com a vitimização do povo eleito no holocausto, vingança violenta, e a ocupação da “terra prometida”.

Holocausto, termo português de origem grega (*holokaútôma*), que corresponde a *holah*, no hebraico, que indica uma vítima sacrificada no altar por combustão completa, a fumaça da oferta ascendendo até Deus. O termo foi usado para exprimir a execução em massa, pelo nazismo de Hitler, de judeus e de outras minorias perseguidas, como ciganos, eslavos, prisioneiros de guerra soviéticos, homossexuais, militantes comunistas, deficientes motores, deficientes mentais, membros da elite intelectual polaca, evangélicos, alguns sacerdotes católicos, dentre outros mais.

Para o judaísmo o holocausto é a culminância de perseguições diversas sofridas em várias nações e, também, a partir da Igreja Romana, ao longo de dois mil anos de história.

O nazismo de Hitler, com seu espírito de superioridade racial e pureza ariana, e com a ambição do domínio mundial, bem como o Japão, que a ele se aliou, foi punido pelos Aliados (Inglaterra, Estados Unidos e demais parceiros, com hegemonia cristã) que contaram com o substancial apoio dos exércitos soviéticos, na Segunda Guerra Mundial. Usufruindo da moderna tecnologia, esta guerra primou pela violência. Neste sentido pode-se destacar o bombardeio arrasador e indiscriminado de Dresden pelos

ingleses, em resposta ao bombardeio de Londres pelo nazismo, bem como o holocausto atômico de Hiroshima e Nagasaki, praticado pelo Ocidente cristão, no qual morreram cerca de 180 mil civis japoneses. As perdas mais numerosas nesta guerra ocorreram entre os soviéticos, ultrapassando 20 milhões de mortos.

A partir da vitimização impactante do holocausto, o sionismo, movimento inserido no judaísmo que há cerca de um século vinha se articulando e avançando na ocupação da Palestina, alcança seus objetivos sendo premiado com a criação do estado de Israel pela ONU, com fronteiras pré-determinadas, o qual deveria coexistir com um estado palestino. Contudo o estado de Israel vai progressivamente alargando suas fronteiras, com uma ocupação progressiva da Palestina, marcada pela violência, com analogias aos processos do primeiro e do segundo êxodos.

A eleição divina de um povo está associada à discriminação e exclusão do diferente, bem como está associada à vocação ao poder e, em consequência, à ambição do dinheiro. À exclusão associa-se a violência, pois o diferente é visto como uma ameaça à identidade pessoal e é tido como “inimigo” que deve ser exterminado. Por outro lado, a qualificação de “eleito”, associada à aspiração ao poder, leva à disputa com outros poderes, que passam a ser inimigos. Nos salmos o inimigo é mencionado em 86 versículos, distribuídos em 51 salmos.

O tema da “eleição”, no Antigo Testamento, está na raiz da violência original. Hoje, em um mundo pluralista em valores, culturas e religiões, descartando-se a condição de “eleito”, busca-se a fraternidade universal, no direito, na justiça e na paz.

5. Cristianismo e violência

O cristianismo traz em si um inconsciente de violência formado pelas tradições do Antigo Testamento. Como em um processo de psicanálise, é importante trazer à luz este inconsciente para remover a prática da violência da parte do cristianismo, já manifestada na história e ainda em curso, sob formas variadas, em violência ostensiva ou violência das consciências. Dentre vários outros episódios, destacam-se a violência das cruzadas e das inquisições, bem como a violência colonial europeia cristã sobre os povos africanos e nativos americanos. As discriminações de gênero e de opção religiosa são também formas de violência bem como as excomunhões na Igreja católica, ainda atuais. A proclamação na liturgia de textos violentos, qualificados de sagrados e palavra de Deus, é uma violência à consciência.

Pode-se perceber que a manifestação da violência na religião cristã tem raízes na imagem do Deus Todo-poderoso, Deus dos exércitos, que protege seu povo e destrói e mata seus inimigos, presente no Antigo Testamento.

Os salmos de realza, que passaram a ser considerados messiânicos pelos cristãos oriundos do judaísmo, estão impregnados desta violência. Lemos no Salmo 110, um dos salmos messiânicos mais citados: “¹*Oráculo de Javé ao meu senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’*”² Desde Sião Javé estende teu cetro poderoso, e dominas em meio aos teus inimigos...⁵ O Se-

nhor está à tua direita, ele esmaga os reis no dia da sua ira. ⁶Ele julga as nações, amontoa cadáveres, esmaga cabeças pela imensidão da terra...”

Contemplamos também Judite que seduz Holofernes, lhe corta a cabeça e depois, triunfante, exhibe a cabeça cortada para seu povo. E ainda, Ester seduz o rei e consegue que seja enforcado Amã, o mais eminente dos altos oficiais, e o povo judeu consegue massacrar seus inimigos potenciais: *“Foi um massacre, um extermínio, e fizeram o que quiseram de seus adversários... os judeus mataram e exterminaram quinhentos homens... respondeu Ester: ‘quanto aos dez filhos de Amã, que os seus cadáveres sejam dependurados na forca’..., os judeus de Susa mataram trezentos homens... os demais judeus das demais províncias... mataram setenta e cinco mil de seus adversários... No décimo quarto dia eles descansaram e fizeram desse dia um dia de festa e regozijo...”* (Est 9, 5-19 – esta é a festa do Purim, até hoje celebrada). Os dois livros de Judite e Ester foram considerados divinamente inspirados e incluídos no cânon católico pelo Concílio de Trento (1546).

O Êxodo, que é um fundamento da teologia de eleição, foi assumido como paradigma pela teologia da libertação. Contudo a intervenção da divindade é decididamente a favor dos eleitos, com violência praticada sobre os demais oprimidos, até considerados inimigos destes eleitos, o que revela como imprópria tal opção paradigmática.

O Deus criador em sua criação revela um incomensurável poder. Porém é por amor que Deus cria homem e mulher e, então, despoja-se de seu poder para se relacionar com eles no espaço da liberdade onde a vida desabrocha fecundada pelo amor. Deus é amor (1Jo 4,8b.16b).

A criação do homem e da mulher é um ato de amor de Deus, e a encarnação é a manifestação da plenitude deste amor divino. A encarnação é o dom ao homem e à mulher da participação na vida divina e eterna, por Jesus. Jesus nos revela a verdadeira face de Deus em sua relação com os homens e mulheres, aos quais ama indiscriminadamente. Os gestos de amor de Jesus são a expressão do amor do Pai. “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). O Pai quer vida plena para todos, e para isto veio Jesus (Jo 10,10).

O amor de Deus difundido em nossos corações nos impele a vivermos a fraternidade, o serviço, a misericórdia, a reconciliação, em nossas comunidades e também no empenho em que vigore a justiça nas relações econômicas na sociedade e entre as nações e os povos. O amor de Deus está presente no mundo, em todos os povos e culturas, em todo empenho na promoção da vida e de edificação da Paz que permanece para sempre.

José Raimundo Oliva
E-mail: jraimundooliva@hotmail.com